

# O FAZER SOCIOLINGÜÍSTICO EM TEMPOS DE PANDEMIA: ADEQUAÇÕES METODOLÓGICAS

*Daniel Abud Marques Robbin* (UFMS e CPAN)

[danielabudmr@gmail.com.br](mailto:danielabudmr@gmail.com.br)

*Rosângela Villa da Silva* (UFMS e CPAN)

[rvilla45@hotmail.com.br](mailto:rvilla45@hotmail.com.br)

## RESUMO

Apresentamos o percurso metodológico adotado em um trabalho de conclusão de curso, em que descrevemos denominações para “mulher que vive o tempo todo na igreja”, na cidade de Corumbá-MS. Utilizamos a metodologia exposta em Tarallo (1999) e Labov (2008), tendo como critérios para a seleção de informantes: gênero, faixa etária e nível de escolaridade. O corpus foi constituído a partir de questionário semântico-lexical, pois, de acordo com Coelho *et al.* (2018), esta é a melhor forma de captar meandros sócio-históricos-culturais das diversas regiões do Brasil. A análise foi de cunho quantitativo, aferindo-se produtividade lexical e frequência de uso pelos grupos de falantes. Além disso, analisamos acepções para essas variantes em dicionários gerais, históricos e etimológicos, verificando possíveis motivações para o uso dessas unidades lexicais. Mostramos as adequações metodológicas necessárias para a realização da pesquisa, como aplicação de questionário virtual para coleta de dados, levando-se em consideração a pandemia de COVID-19. Foi possível comprovar que a variante *beata* é a mais utilizada na comunidade corumbaense, na linguagem de homens e mulheres, com pouca, média ou nenhuma escolarização, e por jovens, adultos e idosos, além da eficácia da adequação da metodologia.

### Palavras-chave:

Descrição semântica. Variação lexical. Sociolinguística na pandemia.

## RESUMEN

Presentamos al percurso metodológico adoptado en una investigación de conclusión de curso, dónde describimos denominaciones para “mujer que vive todo el tiempo en la iglesia”, en la ciudad de Corumbá-MS. Utilizamos la metodología que se expone en Tarallo (1999) y Labov (2008), adoptando como criterios para seleccionar informantes: género, edad y nivel de escolaridad. El corpus se constituyó a partir de cuestionario semántico-lexical, pues, de acuerdo con Coelho *et al.* (2018), esta es la mejor forma de captar lo complejo que es la diversidad sócio-histórico-cultural de Brasil. En el análisis cuantitativo, medimos la productividad lexical y la frecuencia de uso por los grupos de hablantes. Además, analizamos acepciones para estas variantes en diccionarios generales, históricos y etimológicos, comprobando posibles motivaciones para la utilización de estas unidades lexicales. Exponemos las adecuaciones metodológicas necesarias a la conclusión de esta investigación, como por ejemplo, la aplicación de cuestionario virtual para recoger datos, llevándose en cuenta la pandemia de COVID-19, además de algunas dificultades contornadas en este proceso. Comprobamos comprobar que la variante “*beata*” es la más utilizada en la comunidad corumbaense, en el lenguaje de hombres y mujeres, con poca, media o ninguna escolarización, y por

jóvenes, adultos y personas mayores, además de la eficacia de la adecuación metodológica.

**Palabras-llave:**

**Descripción semántica. Variación lexical. Sociolingüística en pandemia.**

## **1. Introdução**

Falar de Sociolingüística exige uma capacidade de (re)pensar e (res)significar o modo como entendemos e tratamos a língua. De acordo com Preti (2003, p. 11), a relação que se coloca entre língua e sociedade não é apenas algo casual. Para além disso, a língua é capaz de materializar as relações políticas, históricas e culturais que fazem parte da configuração de uma sociedade.

Contudo, quando falamos em variação linguística, precisamos levar em consideração que a língua, conforme Saussure (2012), é produto coletivo, fruto de convenções sociais, portanto, essencialmente social. Assim sendo, não há como isolar o objeto de estudo língua de suas relações com o meio social, embora Saussure não tenha levado em consideração a variação linguística em seus estudos.

Para Coelho *et al.* (2018, p. 16), variação configura-se enquanto “o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado”. Ou seja, o referente é o mesmo, mas a forma de representar esse referente varia em função de alguns fatores, de ordem linguística ou extralingüística.

Em se tratando de dimensão linguística da variação, levamos em consideração a fonologia (a diferença na pronúncia dos sons da língua), a morfossintaxe (as diferentes formas e possíveis ordenações de uma palavra/frase/oração) e o léxico, que, por sua vez, pode ser pensado, segundo Biderman (1992), enquanto testemunha de uma cultura, tendo em vista a sua potencialidade de descrever as práticas, os costumes e os comportamentos de determinada época, variando de acordo com o recorte socio-cultural da realidade do falante. Desta maneira, situaremos o nosso estudo no âmbito da variação lexical.

Entretanto, no contexto da variação linguística, faz-se necessário retomar os conceitos de dimensões extralingüísticas da variação. Temos, de acordo com Coelho *et al.* (2018), a variação **regional**, ou geográfica/diatópica, aquela cuja ocorrência depende do lugar de onde se fala, e

pela qual podemos caracterizar a origem de determinados falantes, e, por conseguinte, os seus costumes e influências da imigração na caracterização linguística desta região; e, a variação **social**, ou diastrática, referente a condicionadores sociais, como grau de escolaridade, gênero, faixa etária e nível socioeconômico.

Coelho *et al.* (2018) retomam, em sua obra, o que se chama Teoria da Variação e da Mudança (TVM), impulsionada sobretudo por William Labov. De acordo com Tarallo (1999, p. 63), “Nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação”. O processo de mudança linguística, como veremos na fundamentação teórica deste trabalho, gerou uma diversidade de teorias, e povoa cada vez mais dissertações e teses que versam sobre as relações entre linguagem e sociedade.

## 2. *Fundamentação Teórica*

### 2.1. *Um panorama historiográfico das visões sobre variação e mudança linguística entre os séculos XIX e XX*

Labov (2008) organiza um panorama do quadro social da mudança linguística entre os séculos XIX e XX, em sua obra, Padrões Sociolinguísticos. Tendo em vista fins didáticos, apresentamos em forma de quadro uma síntese dos dados recuperados por esse autor.

Quadro 01: Panorama dos estudos sobre mudança linguística entre os séculos XIX e XX.

Grupo	Linguistas	Teoria
A	Whitney, Schuchardt, Meillet, Vendryes, Jespersen, Sturtevant.	Essencialmente social, considerando a dimensão extralinguística como influente no processo de mudança linguística. Tem um olhar mais aberto à diversidade e ao contato linguístico. O descrédito do grupo se deve, grande parte, a ausência de pesquisas empíricas que comprovassem suas teses. Até então, não havia grande rigor metodológico que embasasse as teorias sociais da linguagem.
B	Paul, Sweet, Troubetzkoy, Bloomfield, Hockett, Martinet, Kurylowicz, Chomsky e	Labov os denomina enquanto grupo “associal”, tendo em vista a veemente negação de tudo o que é extralinguístico.

	Halle.	Para estes linguistas, o papel do investigador das línguas é puramente intralinguístico. Deve-se considerar, exclusivamente, a dimensão do indivíduo, e aspectos cognitivos, intrínsecos à mente humana.
--	--------	--

Fonte: Elaboração dos autores, com base no que se expõe em Labov (2008, p. 305-6).

É de suma importância ressaltar que o exposto no quadro acima refere-se ao período pré-laboviano. A partir da década de 1960, percebemos uma nova perspectiva das contribuições de Labov para os estudos sociais da linguagem. Como seu maior mérito, está o caráter empírico que atesta a grande valia das influências extralinguísticas no processo de variação e da mudança linguística. Segundo Preti (2003, p. 22), nesse período, a grande influência da propaganda e dos meios de comunicação impulsionaram o interesse não só dos linguistas, mas também da comunidade em geral, sobre o caráter social da língua. Coelho *et al.* (2018, p. 58) sistematiza os acréscimos das teorias trazidas pela tríade Weinreich, Labov e Herzog, considerada a dimensão social da língua. Sintetizamos o que postulam esses autores no quadro abaixo:

Quadro 02: Acréscimos da teoria da variação e da mudança de Weinreich, Labov e Herzog em relação às teorias de Saussure e de Chomsky.

Em relação a:	Acréscimos
Saussure	Apesar de estarem em consonância quanto à concepção de língua enquanto sistema, WLH reconfiguram a definição de língua, que para Saussure, trata-se de objeto homogêneo. Para os autores, o objeto língua é carregado de diversidade, portanto, heterogêneo.
Chomsky	Embora compartilhem a concepção de que a língua enquanto sistema composto por regras abstratas, divergem em relação a postura chomskyana de que a língua é homogênea e também em relação a concepção de falante-ouvinte ideal. Para WLH, a observação da língua deve ser feita a partir do uso concreto, na comunidade de fala.

Fonte: Elaboração dos autores, com base no que se expõe em Coelho *et al.* (2018, p. 58).

É importante situarmos, ainda, diacronicamente, a chegada dos estudos sociolinguísticos ao Brasil. Coelho *et al.* (2018, p. 58) ressaltam que “no Brasil, as pesquisas no campo da Sociolinguística Laboviana tiveram início na Universidade Federal do Rio de Janeiro, na década de 1970, sob a orientação de Anthony Naro”, e assim forma-se a escola brasileira de Sociolinguística Variacionista, impulsionada por autores

como Anthony Julius Naro, Maria Marta Pereira Scherre, Maria Cecília de Magalhães Mollica e Maria Luiza Braga.

Sabemos, entanto, da necessidade de dessacralização do que se aprende na academia. As pesquisas sociolinguísticas, neste sentido, têm contribuído, sobremaneira, para questões referentes à educação. Especificamente, no campo da alfabetização, do letramento e de uma pedagogia da variação linguística em sala de aula, tendo em vista desmistificar os preconceitos envolvendo a norma linguística, que, desde muito cedo, povoam nossas mentes.

Preti (2003, p. 49) traz uma definição bastante objetiva do que seria norma linguística. Nas palavras do autor, a norma adquire contornos bem definidos quando:

Esses hábitos linguísticos coletivos, em constante, mas lenta renovação, ganham gradativamente força de convenções tácitas, leis, admitidas pela maioria e conservadas através das gerações com características prescritivas. (PRETI, 2003, p. 49)

O uso convencionada determinada variante linguística no seio de uma comunidade de fala, convertendo-a em padrão a ser seguido, dado o seu prestígio linguístico entre os falantes daquela localidade. Nesse contexto surge uma questão: como tratar as outras unidades linguísticas?

Em geral, sobre essas unidades linguísticas, recai o preconceito linguístico, conceito que Bagno (2015, p. 67) descreve como advindo dos próprios preconceitos sociais, transpassados para a língua. O preconceito linguístico, de acordo com esse autor, vai muito além de julgar o modo como alguém fala, refere-se ao pré-julgamento sobre quem fala determinada variante, especialmente aquelas estigmatizadas socialmente.

Nesse sentido, Preti (2003, p. 34) traz uma contribuição essencial para a compreensão deste problema, mencionando que, para muitos falantes, o *dialeto social culto* é o único existente, e o único “correto”. O *dialeto social popular*, de acordo com este autor, por ser desprovido do prestígio linguístico, fruto da criatividade do falante de baixa escolaridade e baixo nível socioeconômico, passa a ser visto como uma deformação do que é a língua “correta”, ou língua ideal.

Nesse ponto reside a importância da Sociolinguística, pois através do domínio dos conceitos que fazem parte desse campo de estudo, o professor poderá ter uma atuação mais humanística e universalizada com seus alunos, considerando que a escola brasileira:

[...] deve ser porta-voz da luta contra o preconceito linguístico, tão arraigado ainda em nossa sociedade e que redunde em atitudes de intolerância e exclusão social. A escola deve também mostrar o valor social das formas em variação e criar debates sobre a necessidade de adequação da linguagem às diferentes situações de comunicação. Julgamos ainda ser dever da escola proporcionar debates sobre a diversidade linguística em nosso território e garantir ao aluno o domínio da norma culta para que ele possa ter condições efetivas de acesso a todos os bens culturais. (COELHO *et al.*, 2018, p. 147)

## 2.2. A metodologia de pesquisa sociolinguística

As pesquisas empíricas, que lidam com dados reais referentes à língua em uso, necessitam de uma metodologia adequada. Labov (2008) postula um problema a ser observado durante a coleta dos dados sociolinguísticos. O assim denominado *paradoxo do observador*. Podemos entender tal conceito como uma via de mão dupla, que consiste no fato de a realidade linguística de determinado grupo de fala só poder ser descrita em situações naturais, espontâneas, de não observância do estilo de fala. Todavia, como descrever a língua falada se não a observarmos sistematicamente? Reside, nesse ponto, o paradoxo do observador, postulado por Labov (2008).

Para contornar esse desafio metodológico, o autor postula alguns métodos de coleta de dados bastante interessantes:

- 1) Entrevistas formais mescladas a situações espontâneas de comunicação: É o que Labov (2008, p. 245) denomina “envolver a pessoa com perguntas e assuntos que recriem emoções fortes que ela experimentou no passado, ou envolvê-la em outros contextos.”
- 2) Observações assistemáticas: Segundo Labov (2008, p. 246), trata-se de discretas observações em lugares públicos, como meios de transporte e restaurantes, onde a fala tende a espontaneidade. Um problema deste método é a seleção dos informantes, visto que alguns falantes são mais discretos que outros, não havendo um parâmetro ideal.
- 3) Meios de comunicação de massa: Labov (2008, p. 246) considera este um meio eficaz de obtenção de dados sociolinguísticos, ressaltando, todavia, o forte condicionamento que há em transmissões públicas de programas ao vivo, no que se refere ao estilo formal de fala.

- 4) Entrevistas rápidas e anônimas: O autor menciona, neste item, que “é possível empreender a observação sistemática de modo anônimo, em conversas que não se definem como entrevistas.” (LABOV, 2008, p. 246).

O método de número 4 é o que utilizamos nesta pesquisa, com algumas adequações metodológicas. Antes de passarmos a esse item, ressaltamos como pautar os critérios de seleção de informantes para uma pesquisa de cunho sociolinguístico.

Coelho *et al.* (2018) ressaltam que:

No que diz respeito à estratificação da amostra, é preciso considerar as dimensões sociais relevantes para a variação, pois elas vão se refletir no tamanho e na constituição da amostra, isto é, na constituição das **células sociais**. (COELHO *et al.*, 2018, p. 101)

As células sociais funcionam como instrumento de delimitação do que será analisado. Por dimensões sociais em análise, como exposto anteriormente, entendemos *gênero, nível de escolaridade, nível socioeconômico, faixa etária*, dentre outros critérios possíveis.

Os autores também explicitam que “Entendemos por ‘célula social’ um conjunto de indivíduos agrupados pelas mesmas características sociais relevantes para a análise de fenômenos de variação e mudança linguística” (COELHO *et al.*, 2018, p. 101).

Estas características sociais poderão explicar como a identidade do falante, ou ainda influências externas, interferem na escolha de uma ou outra variante linguística. Passemos ao foco deste trabalho, a elucidação das adequações metodológicas empregadas em pesquisa sociolinguística realizada em período de pandemia da COVID-19.

### 3. *Discussão*

As adequações metodológicas para coleta de dados sociolinguísticos em tempo de pandemia do novo coronavírus, citadas no título deste artigo, referem-se ao estudo intitulado *Variação lexical e descrição semântica do item “mulher que vive o tempo todo na igreja” na cidade de Corumbá-MS*, realizado enquanto trabalho de conclusão do curso de Letras – Português/Espanhol da UFMS – *Campus do Pantanal*.

Dentre os objetivos desta investigação, estava, principalmente, fazer uma descrição das variantes lexicais para *mulher que vive o tempo*

*todo na igreja*, costume típico da realidade sociocultural do corumbaense, tendo em vista os altos índices de religiosidade que abarcam esse território. Segundo dados do IBGE Cidades, do ano de 2010, de um total de 103 703 habitantes, 25 696 são adeptos das vertentes da religião evangélica e 67 316 são adeptos da religião católica apostólica romana. Ou seja, aproximadamente 89,7% dessa população se enquadram nas matrizes religiosas de maior tradição do Brasil, o que configura uma comunidade de fala predominante religiosa.

Outros objetivos do estudo foram: levantar a produtividade lexical das variantes utilizadas pelos informantes, relacionar as dimensões *gênero*, *faixa etária* e *nível de escolaridade*, de modo a aferir possíveis impactos da divisão por células sociais na configuração linguística dessa comunidade de fala.

No contexto em que estamos vivenciando, marcado pela disseminação da pandemia de COVID-19, pesquisas empíricas que lidam com a observação de dados da realidade física e humana ficam inviáveis de serem levadas literalmente a campo, o que nos leva a (re)pensar e (res)significar, para além das práticas de pesquisa sociolinguística, a própria prática de pesquisa científica.

Dessa maneira, pautamo-nos nas considerações de Faleiros et al. (2016), sobre a utilização de questionários online e divulgação virtual como estratégia de coleta de dados em estudos científicos. Há de se perceber que a Sociolinguística carece, ainda, de estudos que deem conta de estabelecer maior rigor e comprovar a eficácia de métodos alternativos de coleta de dados, como os questionários *on-line*.

A primeira adequação metodológica que precisamos realizar em nossa pesquisa foi a adaptação do questionário semântico-lexical, que seria aplicado presencialmente, para o ambiente virtual, tendo em vista a agilidade e praticidade do processo de investigação. A intenção não é versar sobre a eficácia completa desse método, porém, pautaremos nossa experiência de pesquisa sociolinguística a partir de dados obtidos virtualmente, visando oferecer alguma contribuição para a discussão, bastante escassa, dos métodos alternativos em Sociolinguística.

A pesquisa de Faleiros *et al.* (2016), para que se tenha noção, é aplicada na área da Saúde. Foram algumas das poucas referências que apontaram a eficácia do questionário online em pesquisas científicas.



De acordo com esses autores, baseados na perspectiva de Ekman e Litton (2007),

As abordagens tradicionais de coleta de informações dos participantes da pesquisa, como entrevistas presenciais, telefone e questionários impressos, nem sempre conseguem gerar resultados rápidos e com custos economicamente viáveis, além de não acompanharem a tendência tecnológica e dinâmica das populações.<sup>2</sup> (FALEIROS *et al.*, 2016)

Além disso, Faleiros *et al.* (2016, p.5) apontam vantagens da coleta de dados em ambiente virtual. Para além do baixo custo da pesquisa, mantém-se a imparcialidade e o anonimato. Segundo os autores, o informante não será influenciado pela presença do pesquisador. Essa é uma importante contribuição para a resolução do paradoxo do observador, proposto por Labov. Por um lado, minimizamos os impactos da presença de um inquiridor em uma comunidade de falantes que o desconhecem.

Todavia, há de se considerar as prováveis limitações da coleta de dados em ambiente virtual, limitações essas com as quais precisamos lidar, inclusive, nesta investigação.

A inclusão digital é um problema a ser levado em conta. Como garantir a representatividade de grupos menos escolarizados, sem acesso à Internet, e de idosos, para poder contrastar o seu linguajar com o de outros membros das células sociais de que fazem parte?

A solução encontrada por nós, de modo a contornar essas limitações, foi a entrevista por telefone. Entramos em contato com as pessoas desses grupos sociais por telefone e fizemos as perguntas, anotando em um caderno as respostas que foram dadas, conforme a ordem predisposta do questionário.

Sabemos que ainda há muito o que se estudar, porém, faz-se preciso, enquanto pesquisadores, saber lidar com as dificuldades impostas por situações de extremidade que fogem de nosso controle, e saber adaptar os nossos instrumentos de pesquisa, sem que se perca a qualidade dos dados obtidos. Com os informantes mais jovens, e de grupos mais escolarizados, não foi preciso essa estratégia.

Grande parte dos que foram consultados previamente relatou saber lidar com o questionário via *Google Forms*. Chama atenção que, inclusive, alguns idosos entrevistados no âmbito desta pesquisa souberam manipular o formulário online sem necessitar auxílio destes pesquisadores, demonstrando a possível e gradual universalização da internet como meio de acesso e de pesquisa.

Ressaltamos que o questionário on-line, aplicado de forma anônima, vai ao encontro do método de entrevistas anônimas fixado por Labov (2008, p. 246), em Padrões Sociolinguísticos. Com a ressalva da adaptação para coleta de dados em ambiente virtual.

Lembramos que Labov, nos anos 60, precisou testar vários métodos experimentais de pesquisa, realizando observações, conforme exposto anteriormente neste artigo, em lugares públicos, como lanchonetes e meios de transporte coletivo. O caráter experimental é intrínseco à metodologia científica. Há que se testar, comprovar a eficácia do método e socializar os resultados das pesquisas, de modo a criar-se uma rede de contatos que cada vez mais possam contribuir com a originalidade e relevância de métodos alternativos de coleta de dados.

#### **4. Considerações finais**

Ao concluirmos as análises desta pesquisa, conseguimos identificar, através da descrição sociolinguística da linguagem dos corumbaenses, estudo realizado por amostragem, um embate entre tradição e modernidade nas terras pantaneiras, o que se coaduna com a tese de Nogueira (2009). A língua, como espelho da sociedade, reflete esse embate através do processo de variação e de mudança linguística. Faz-se necessário lembrar, consoante Tarallo (1999, p. 7), “No meio social as variantes coexistem em seu campo natural de batalha”.

Atestamos, com a investigação realizada, a mútua influência entre léxico e cultura, além da alta produtividade lexical da variante *beata* para denominar o referente *mulher que vive o tempo todo na igreja*, na comunidade de fala corumbaense. Importante salientar que a análise léxico-semântica, através da busca das acepções para as variantes coletadas, nos dicionários gerais Aulete (2006) e Michaelis (2015); no dicionário histórico de Silva Pinto (1832) e no dicionário etimológico de Cunha (2010), também nos permitiu mensurar a importância da evolução semântica e do uso corrente na fixação das variantes mais produtivas na comunidade de fala analisada: *beata*, *carola*, *evangélica*, *cristã*, *obreira* e *freira*.

A interdisciplinaridade não pode ser prerrogativa descartada em qualquer ciência. Sobremaneira, dentro da ciência linguística, as suas subdivisões podem, mutuamente, auxiliar na compreensão do fato linguístico em uma perspectiva panorâmica. Na observação sociolinguística, os fatores não se excluem. Via de regra, combinam-se. As motivações

semântico-estilísticas para o uso de determinadas variantes foram aferidas somente com o auxílio técnico de bons dicionários gerais, históricos e etimológicos.

Ressaltamos, portanto, o caráter experimental desta pesquisa sociolinguística. Em nosso estudo, a utilização do questionário virtual para obtenção de dados foi de extrema produtividade, economizando eventuais gastos, além de poupar tempo, e minimizar os efeitos da presença de um observador estranho à comunidade de fala investigada, além da proteção à saúde do informante neste tempo de pandemia. Como limitações, coadunamos com Faleiros *et al.* (2016), ressaltando que alguns grupos sociais analisados podem ter dificuldades no acesso ao meio virtual, e isso pode frustrar uma pesquisa empírica.

Contudo, é neste ponto da investigação que o pesquisador, posto a prova, precisa contornar os desafios que lhe são imputados, e lembrar-se do processo de inclusão digital. As alternativas devem ser colocadas à mesa, nenhum dado útil deve ser excluído. A configuração das células sociais predispostas deve ser respeitada. Sugerimos, portanto, como método alternativo para pesquisas sociolinguísticas em tempos de pandemia, a utilização de chamadas de telefone como recurso extra – além do questionário online como instrumento de coleta de dados – com vistas a driblar a falta de acesso de grupos sociais ao meio virtual. O trabalho foi bastante gratificante, e esperamos que as sugestões de metodologia possam contribuir para estudos dessa natureza enquanto durar a pandemia da Covid 19.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULETE, C. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Versão eletrônica. Rio de Janeiro: Lexikon, 2006. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/index.php>. Acesso em 02/10/2020.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*. 56. ed., revista e ampliada. São Paulo: Parábola, 2015.

BIDERMAN, M. T. C. O léxico, testemunha de uma cultura. *Actas do XIX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Románicas*. Sessão II: Lexicología e Metalexigrafía, v. 2, p. 397-405, 1992.

CIDADES E ESTADOS. *Corumbá*. In: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Disponível em <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ms/corumba.html>. Acesso em 19/08/2020.

COELHO, I.L. et al. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2018.

CUNHA, A.G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 4. ed., revista pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

FALEIROS, F. et al. Uso de questionário online e divulgação virtual como estratégia de coleta de dados em estudos científicos. *Texto e Contexto (UFSC Impresso)*, v. 25, p. 1-6, 2016.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

MICHAELIS, *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em 02/10/2020.

NOGUEIRA, A. X. Pantanal: entre o apego às antigas tradições e o apelo às mudanças. *Albuquerque: revista de História*, Campo Grande-MS, v. 1, n. 1, p. 145-64, jan./jun. 2009.

PRETI, D. *Sociolinguística, os níveis de fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira*. 9. ed., 1. reimpr. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Org. por BALLY, C.; e SECHEHAYE, A. Trad. de Antonio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro-Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA PINTO, L. M. da. *Diccionario da lingua brasileira*. Typographia de Silva, 1832.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.